

NEW PHILOLOGY: TRANSFORMAÇÕES TEÓRICAS E DE BASES MATERIAIS

Mario Cesar Newman de Queiroz (UFRRJ)
mcnqsofocles@gmail.com

RESUMO

A maneira mais que centenária de se pensar a atividade de fixação e de apresentação de textos, na bastante fechada crítica textual tem sofrido profundos abalos desde fins dos anos 90 do século XX. E esses abalos têm vindo do campo mais fechado ainda da crítica de textos medievais, dos estudos medievais. Diante das novas possibilidades materiais de apresentação dos textos, surgidas com as novas tecnologias informáticas, digitais, por hipertextos apresentando simultaneamente as diferentes variantes de um texto, reconsiderando a necessidade de estabelecimento unívoco de textos. Os estudos medievais encontravam na concepção de autoridade autoral “romântica”, em que se baseavam as concepções modernas de filologia dos textos conforme Lachmann e Bédier, uma frequente dificuldade de adequação a sua realidade de estudos, pois o mundo medieval desfrutou de uma outra concepção de autoria e de autoridade sobre os escritos. Com o surgimento de novas bases teóricas, filosóficas que questionam as questões de subjetivação, autoria, leitura e leitor, original e cópia, realidade e ficção, real e virtual, história e ficção, principalmente advindas da filosofia da diferença (pós-estruturalismo) e o surgimento de novas bases materiais para apresentação de resultados de estudos, os medievalistas puderam finalmente conciliar seus objetos de estudo com o esforço filológico de crítica textual. Esse movimento tem recebido a denominação de *New Philology* (ou ainda *New, New Philology*), *Nouveau Philologie*, podemos chamar também de “Uma ecdótica do rizoma”. Um pouco da trajetória desse movimento é o que pretendemos apresentar aqui.

Palavras-chave:

Ecdótica. *New Philology*. Tecnologias digitais. Filosofias da Diferença.

1. Evidentes transformações: Cohen

Em 2017, numa matéria intitulada *The New, New, New Philology*, na *Electronic Book Review*, Matt Cohen, escritor canadense, observava sobre a profunda transformação que surgia na aparentemente imóvel área da Filologia, e para grande surpresa advinda da área tão conservadora dos estudos medievais. Abria seu artigo comentando que o mundo da Idade Média havia mudado, e essa mudança tinha como marco inicial a publicação na declaradamente tradicional revista *Speculum* (a primeira e mais antiga publicação periódica exclusivamente sobre medievalismo da América do Norte, desde 1926, da Universidade de Chicago) de edição especial intitulada “New Philology”. Era uma marca clara de que chegava a “revolução pós-estruturalista ao estudo e à imaginação da chamada Idade Média” (COHEN, 2017).

Com a Nova Filologia, uma nova Idade Média surge, grandes nomes da literatura como Dante, Chaucer, Rabelais, Petrarca se reconfiguram. E os contextos das ruas, dos escritórios, das oficinas começaram a crescer em importância ao mesmo tempo que palavras como “autoria”, “originalidade”, “gênero” começaram a se esvaziar, e expressões como “análises de contextos”, “de processos”, “transformações”, “misturas”. Nomes até então muito insignificantes por vezes ganham em importância, como Pedro del Corral e Walther von der Vogelweide (COHEN, 2017). Mas um traço interessante do artigo de Matt Cohen é que, como ele mesmo ressalta, é um acadêmico, mas não um especialista da área, é alguém que percebe de fora o quanto a área já se transformou.

2. Bases teóricas e materiais: Cerquiglini, Driscoll, Stig

Com o título igualmente modesto de “Palavras na página: reflexões sobre a Filologia, antiga e nova” (The Words on the Page: Thoughts on Philology, Old and New), Matthew James. Driscoll, um proeminente professor na universidade de Copenhagen, da área de Filologia Nórdica, com títulos publicados sobre cuidados e conservação de manuscritos, sagas nórdicas e célticas, observava em 2010, após fazer um histórico da moderna filologia – da importância do método estemático atribuído a Karl Lachmann e as simplificações buscadas das quais Joseph Bédier é vinculada à mais radical proposta – ele apresenta o movimento da “new or material philology” (DRISCOLL, 2010, p. 90).

Novamente, o marco apontado é para a publicação da edição especial da revista *Speculum*, organizado por Stephen Nichols, mas a inspiração do número é logo lembrada: a publicação do livro do filólogo francês Bernard Cerquiglini, *Elogio da variante (Éloge de la variante: Histoire critique de la philologie)*, publicado em 1989. A riqueza do texto de Driscoll não tem como ser se quer comentada aqui por razões de espaço e tempo.

Para nosso intuito aqui o importante é o testemunho de uma auto-ridade sobre a importância das profundas transformações ou apresentação de novo paradigma para lidar com os manuscritos medievais e antigos. E M. J. Driscoll coloca assim os princípios chave da *New* ou *Material Philology*:

1 As obras literárias não existem independentemente de seus elementos materiais, e a forma física do texto é parte integrante de seu significado; em relação a este livro, e os relacionamentos entre o texto e as caracteris-

ticas como forma e layout, iluminação, rubricas e outras características especiais e, pelo menos, os textos ao redor.

2 Esses objetos físicos passam a existir através de uma série de processos nos quais há um número (potencialmente grande) de pessoas envolvidas; e eles surgem em momentos específicos, em locais e com propósitos particulares, todos frutos de ações sociais, econômicas e intelectualmente determinadas; os fatores que influenciam a forma como as anotações de texto são feitas e os seus resultados são parte do significado.

3 Esses objetos físicos continuam a existir no tempo, são disseminados e consumidos de maneira real, socialmente, economicamente, e intelectualmente determinados, e dos quais eles carregam traços. (DRISCOLL, 2010, p. 91)

É todo um conjunto de contextualizações que fazem os que debocham chamar de *New Philology* de Filologia foucaultiana. E sim, há muito de teoria foucaultiana na concepção de história presente na Nova Filologia. Cerquiglino observa que o deboche dela ser “filha de Foucault” lhe cai bem (2007), a intenção pejorativa cai no vazio. A Nova Filologia é fruto de um profundo movimento filosófico e teórico oriundo em Jacques Derrida, Roland Barthes, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e isso Cerquiglino já deixava claro desde 1989.

Repensando a materialidade do texto medieval, sua produção e difusão, Cerquiglino encontrará a semelhança com as novas condições “pós-modernas” de produção pelas novas mídias de informática. “O escrito eletrônico por sua mobilidade, reproduz a obra medieval por sua variância mesmo” (CERQUIGLINI, 1989, p. 116). Eram, como lembra também Driscoll, os ensinamentos de Paul Zumthor sobre os textos medievais e sua *mouvance*: “A *New Philology* não foi formada *ex-nihilo*. Um dos seus mais claros antecedentes está no *Essai de Poétique Médiévale*, de Paul Zumthor, de 1972, que introduz o conceito de *mouvance*, ‘a mobilidade essencial do texto medieval’” (DRISCOLL, p. 92).

A maneira como o medievalista Ramlev Frandsen Stig coloca a questão das transformações ocorridas na filologia ultimamente parece-nos dizer de um caminho bem aprofundado:

O renascimento visto nos últimos anos na filologia medieval é notável não apenas pela importância que dá à reflexão teórica e metodológica das práticas da disciplina, mas também pela analogia que ela estabelece entre a revisão de nossas ideias sobre a Idade Média e a revisão da própria Filologia moderna. (STIG, 2005, p. 112)

Assim, o novo paradigma surge a partir de duas bases: uma filosófica-teórica e uma de base tecnológica propiciada pelos computadores, pelos CDs, pela *internet*, pelos *hiperlinks*. É de se salientar também que o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

próprio iniciador das propostas de transformação, Bernard Cerquiglini, não pensa na superação de um paradigma por outro, mas na convivência entre paradigmas. E com a finalidade de comparar os dois modos de abordagem, Cerquiglini apresenta um quadro comparativo dos dois modelos, dos dois paradigmas.

	Paradigma I	Paradigma II
Opção crítica	Autoridade textual	Partilha textual
Tecnologia	Impresso	<i>Internet</i>
Metáfora	Árvore	Rizoma
Herói	Autor	Escreva/copista
Amor	Unidade	Variante
Assunto/fim	Cópia desprezada	Recepção positiva
Texto como	Essência verbal	Materialidade do códex
Princípio	Descontextualização	Contextualização
Alvo/objetivo	Reconstrução	Simulação
Método	Intervencionismo	Comparação
Resultado	Livro impresso	Hípertexto
Relação à...:		
1. Oralidade	Escritura como resíduo	Dialética Oral/Escrito
2. Teoria medieval da escritura	(Nada de especial)	“Excesso de sentido”

3. Um meio ainda infenso à mudança

Sem ter como ponto de partida empírico os textos e o contexto medieval, temos nos deparado, desde 1997, com problemas e desenvolvido concepções semelhantes para a abordagem de textos modernos nos autores Raul de Leoni e Augusto dos Anjos. O ponto de partida teórico-filosófico, no entanto, é o mesmo de Cerquiglini e dos medievalistas, o pensamento da diferença francês de Deleuze, Guattari e, sobretudo, de Foucault. Por isso escrevemos um artigo intitulado “Teorizar a Ecdótica: a questão teórica da morte do autor inviabiliza a Ecdótica?”, apresentado oralmente em 2004 (2005, 2007), que tem como centro questões tais como desenvolvidas por Michel Foucault, da morte do autor e do autor como função. Ambas gravitam em torno de uma concepção da subjetivação como contrária ao indivíduo como potência solar e dominante racional sobre a criação e o texto, contrária à concepção que centra as ações de entendimento do texto na vontade autoral. Se no contexto medieval a

questão da valorização das variantes é uma demanda da própria forma de produção e reprodução dos manuscritos, no contexto moderno a valorização das variantes se deve principalmente à valorização da recepção e das gerações de leitores diante de diferentes edições. Muito embora encontremos no caso do poema “Último número”, de Augusto dos Anjos, condições de produção e difusão análogas às dos manuscritos medievais.

Escrevemos também um artigo intitulado “Ecdótica, disciplina pós-moderna?” (2008, 2009) e “Do texto árvore ao texto rizoma: questões em torno da fixação de textos” (2011) em que avançávamos das questões teóricas e filosóficas para as de apresentação material dos textos, centrados na edição de textos modernos e aludindo a questões presentes em textos de Gregório de Matos e Camões. Em que apontávamos também para o hipertexto, para o texto se abrindo em novas camadas a partir de *links* ou ainda para uma apresentação em superposições sequenciais, propiciadas pela informática e as novas mídias. Estranhamente, não foi por falta de espaço de publicação, mesmo em meio especializado, que os textos não tiveram repercussão, a razão ainda está na inflexibilidade do meio a mudanças. E a nosso ver essa impenetrabilidade se dá por dois motivos:

1 – o afastamento no Brasil, entre as áreas de teoria e filologia (ecdótica);

2 – o que também explica a anterior, a quase inexistência de uma área de estudos medievais e de antiguidades, que nos privam de realizações empíricas mais arrojadas.

Mudança de paradigma ou exercício simultâneo de dois paradigmas, a filologia e os modos tradicionais da ecdótica, da crítica textual já estão transformados pelos resultados das recentes apresentações de trabalhos sobre manuscritos realizados por medievalistas e estudiosos das clássicas e antigas. *A New Philology*, ou como quer que a chamemos, está em ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante: Histoire critique de la philologie*. Paris, Seuil, 1989.

CERQUIGLINI, Bernard. *Une nouvelle philology?* Hungria, 2007. Disponível em: <https://www.tankonyvtar.hu/hu/tartalom/tkt/vers-une-nouvelle/ch01.html> Acessado à última vez em 10/05/2019.

COHEN, Matt. The New, New, New Philology. *Electronic Book Review (ebr)*. USA, 02/05/2017. Disponível em: <https://electronicbookreview.com/essay/the-new-new-new-philology/> Acessado à última vez em 07-08/05/2019.

DRISCOLL, M. J. The Words on the Page: Thoughts on Philology, Old and New. In: QUINN, Judy; LETHBRIDGE, Emily (orgs). *Creating the medieval saga: Versions, variability and editorial interpretations of old Norse saga literature*. Odense, DK: University Press of Southern Denmark, 2010. p. 87-104. Disponível em: www.driscoll.dk/docs/words.html Acessado à última vez em: 09/10/2018.

QUEIROZ, Mario Cesar Newman de. Teorizar a Ecdótica: a questão teórica da morte do autor inviabiliza a ecdótica? In: *Philologus*. Série 13; vol.37 suplemento. Rio de Janeiro, 2007.

_____. Ecdótica, disciplina pós-moderna? In: *Cadernos do CNLF (CiFEFiL)*. Série 8, Volume XII. Rio de Janeiro, 2009. p. 46-54

_____. Do texto árvore ao texto rizoma: questões em torno da fixação de textos. In: *Centro, centros, ética e estética*. Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC. Curitiba-PR, 2011.

STIG, Ramlev Frandsen. La dialectique de la variance: nouvelle philologie et stratégies interprétatives du texte medieval. In: *Cahier de civilisation médiévale*. (n. 190), Avril-juin 2005. p. 111-27. (48^{me} année)